

Do sertão ao mar:
o sertão como travessia em João Ubaldo Ribeiro*

From the backland to the sea:
the backland as crossing point in João Ubaldo Ribeiro

Antonio Fernando de Araújo Sá**

Resumo

Em diálogo com a tradição intelectual que remonta a Euclides da Cunha e João Guimarães Rosa, o romance *Sargento Getúlio* (1971), de João Ubaldo Ribeiro, retratou o sertão sergipano como lugar de travessia. O percurso entre Paulo Afonso, na Bahia, e Barra dos Coqueiros, em Sergipe, trouxe, ao protagonista, experiências relacionadas às transformações sociais e políticas ocasionadas pelos conflitos entre a tradição e a modernização. Transformado em espécie de anti-herói, pautado pela virtude (*areté*), o Sargento Getúlio atravessou as brenhas do sertão tensionado entre o apelo pelo enraizamento e a tentação da errância, revelando os sentimentos e emoções de pessoas ordinárias embrutecidas pelo sistema político dominante.

Palavras-chave: literatura brasileira, sertão, João Ubaldo Ribeiro, história de Sergipe.

Abstract

The novel *Sergeant Getúlio* (1971), by João Ubaldo Ribeiro, portrayed the Sergipe backland as a crossing point, in dialogue with intellectual tradition of the works of Euclides da Cunha and João Guimarães Rosa. The journey between Paulo Afonso in Bahia and Barra dos Coqueiros in Sergipe brought to the protagonist experiences related to the social and political transformations caused by the strife between tradition and modernization. Transformed into a kind of anti-hero and ruled by virtue (*areté*), Sergeant Getúlio crossed the belts of the backland between the call for rooting and the temptation of wandering, acknowledging the feelings and emotions of ordinary people brutalized by the dominant political system.

Keywords: Brazilian literature, backland, João Ubaldo Ribeiro, Sergipe history.

* Agradecimento aos professores Afonso Fávero (Universidade Federal de Sergipe) e Clóvis Oliveira (Universidade Estadual de Feira de Santana) pela gentileza da leitura atenta e criteriosa desse artigo.

** Professor Titular do Departamento de História e do Mestrado em História da Universidade Federal de Sergipe. E-mail: afsa@ufs.br

“Eu moro no mundo, Moro andando”.

Getúlio Santos Bezerra1

A questão da identidade nacional tem sido considerada, por vários estudiosos, como central na obra de João Ubaldo Ribeiro, especialmente em *Viva o Povo Brasileiro* (1984), *O sorriso do lagarto* (1989) e *O feitiço da Ilha do pavão* (1997). Entretanto, o problema da brasilidade já se fazia presente nas primeiras narrativas, como *De Setembro não tem sentido* (1968), *Sargento Getúlio* (1971) e *Vila Real* (1979), apesar da busca experimental da estrutura e linguagem romanesca ser a tônica da sua escritura inicial.²

Sobre sua produção literária, as análises se concentraram, prioritariamente, no romance *Viva o Povo Brasileiro* e, em menor escala, nos outros romances, contos e crônicas, pois nele foi realçado “o caráter heterogêneo da formação cultural brasileira, revalorizando os aportes indígenas e africanos”, com seus mitos e tradições orais. Essa opção pela ótica dos excluídos parte do princípio do processo de desmistificação da construção de heróis na formação do Brasil, na medida em que se evidenciam duas tendências na sua obra: “a presença do anti-herói, ou a falência do conceito de herói tradicional, e a construção do herói emblemático oriundo das camadas populares”.³

Desse modo, em *Viva o Povo Brasileiro*, deixa-se “falar o imaginário colonizado instituído ao longo da história, em seus diversos momentos, em suas sucessivas versões e, mais importante, dos mais diversos lugares sociais de fala”. Mas não é a voz autorizada a apontar caminhos, como no romance social dos anos 1930, e sim “deixar falar o dominado da cultura e da história”. Assim, o romance recria a memória para reconstruir a identidade, produzir o povo brasileiro, a partir de personagens, como a mestiça guerrilheira Maria da Fé, que representam a pluralidade étnico-racial e a fraternidade “que a instituição da comunidade imaginária nacional interditou”.⁴

De maneira geral, nos romances do escritor baiano foram expostos “os preconceitos que estão subjacentes à percepção do outro”, destacando-se “diferentes núcleos identitários – nacional, regional, grupal –, (...) com conflitos

¹ RIBEIRO, João Ubaldo. *Sargento Getúlio*. 5ª. Edição. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010, p. 31.

² CECCANTINI, João Luís C. T. Brava Gente Brasileira. In *Cadernos de Literatura Brasileira: João Ubaldo Ribeiro*. Rio de Janeiro: Instituto Moreira Salles, n. 7, março de 1999, p. 104.

³ BERND, Zilá. *Literatura e Identidade Nacional*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1992, p. 54 e 72.

⁴ CUNHA, Eneida Leal. *Estampas do imaginário: Literatura, história e identidade cultural*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006, p. 85, 107 e 120.

de classe e (...) seus diversos sistemas culturais e projetos identitários”.⁵ Todavia, o lugar de fala é o Nordeste para se pensar a relação do homem com o mundo, “evidenciando o papel da literatura enquanto prática de produção e de interpretação da cultura”.⁶

Na produção romanesca de João Ubaldo Ribeiro, *Sargento Getúlio* já anunciava tais questões em sua discussão entre homem e meio, tão marcante na identidade regional nordestina, e cuja descrição do sertão sergipano forja um diálogo fecundo entre a tradição literária do romance de 1930 e a universalidade do sertão-mundo, de João Guimarães Rosa.⁷

Para Paulo Sérgio Pinheiro, esse é o livro mais original de João Ubaldo Ribeiro pelo fato de que a “linearidade física torna-se complexa pela avalanche de pensamentos e elucubrações do narrador-protagonista”,⁸ Getúlio Santos Bezerra, que, encarregado por um chefe político, conduz um preso de Paulo Afonso à Barra dos Coqueiros. A viagem faz com que o narrador perceba as transformações sociais e políticas, estabelecendo uma reflexão sobre os conflitos entre a tradição e a modernização, entre o Brasil rústico e a emergência do Brasil urbano.

Sintoma da modernização na narrativa é a presença do veículo Hudson, conduzido por Amaro, personagem que ouve os monólogos do narrador em seu fluxo de consciência sobre a estrada da vida, para buscar o preso em Paulo Afonso, cidade que passava por um processo de modernização com a construção da hidrelétrica. Contrapondo-se a essa imagem modernizadora, temos a paisagem inóspita, cruel do sertão, marcada pela presença do sol abrasador e da seca, “núcleo obrigatório de atribuição de sentido” ao espaço regional nordestino.⁹

Nesse sentido, o romance poderia ser considerado herdeiro da tradição regionalista, que “surgiu e se desenvolveu em conflito com a modernização, a industrialização e a urbanização”, sendo, paradoxalmente, um fenômeno moderno e urbano.¹⁰ Entretanto, ao explorar o problema da identidade e da

⁵ OLIVIERI-GODET, Rita. Ubaldo nos coloca diante de um retrato fragmentário da sociedade brasileira. In *A Tarde Cultural*. Salvador, 25/7/2009, p. 5.

⁶ OLIVIERI-GODET, Rita. *Construções Identitárias na obra de João Ubaldo Ribeiro*. São Paulo: HUCITEC; Feira de Santana: Editora da UEFS; Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009, p. 27.

⁷ CECCANTINI, op.cit., p. 108.

⁸ PINHEIRO, Paulo Sérgio. Povo e dominação. In *Cadernos de Literatura Brasileira: João Ubaldo Ribeiro*. Rio de Janeiro: Instituto Moreira Salles, n. 7, março de 1999, p. 76.

⁹ ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. *Nos destinos da fronteira: história, espaços e identidade regional*. Recife: Edições Bagaço, 2008, p. 208.

¹⁰ CHIAPPINI, Lúcia. Do beco ao belo: dez teses sobre o regionalismo na literatura. In *Estudos Históricos*. Rio

diferença, o livro analisado pôde superar um dos obstáculos mais recorrentes da literatura regionalista: a de que o “nosso imaginário quase nunca pergunta pelo que vai na cabeça do sertanejo; mas o distingue prontamente nos seus traços característicos”. Desse modo, encontramos no texto a “consciência regional, ou regionalidade”¹¹ e não mais o regionalismo na literatura brasileira.

Como “uma parte imprescindível da consciência do que somos está no imaginário”,¹² a ficção pode colaborar para pensarmos nossa existência a partir da verdade literária, que expressa novas interpretações sobre a “condição humana” e a questão da identidade.¹³ Como sugeriu Sandra Pesavento, “o texto literário inaugura um *plus* como possibilidade de conhecimento do mundo”, na medida em que “revela e insinua as verdades da representação ou do simbólico através de fatos criados pela ficção”.¹⁴

Na narrativa se estabelece um diálogo com a discursividade do sertão como uma geografia imaginativa que desenhou uma categoria de espaço como forma de falar, definir e delimitar a nação. O sertão impôs-se aos que pensavam o Brasil, entre outras construções discursivas, como “Terra desolada ou paraíso perdido, calcinante e insofrível ou feérico e aprazível, outro Brasil ou rocha viva da nacionalidade”.¹⁵

Todavia, o sertão figurado não se restringia aos espaços geográficos e aos problemas humanos e sociais. Foi no “sertão do imaginário”, com suas lendas e mitos, dos casos e das anedotas, do messianismo e do sebastianismo, que se produziram obras significativas da busca da identidade brasileira, como João Guimarães Rosa, Glauber Rocha e João Ubaldo Ribeiro.

“SERTÃO DO BRABO”: “ESSA É TERRA DE MACHO”

O sertão, nas tramas da rede simbólica tecida em discursos vários (político, econômico, literário, visual etc.) ao longo dos últimos dois séculos, constitui-se em parte significativa da mitologia da nação brasileira, compondo

de Janeiro, vol. 8, n. 15, 1995, p. 153-159.

¹¹ VICENTINI, Albertina. O Sertão e a Literatura. In *Sociedade e Cultura*. 1(1), 41-54, jan./jun. 1998 [p. 48 e 53].

¹² DÍEZ, Luis Mateo. Literatura y Memoria. In *Cervantes*. N. 1, octubre 2001, p. 26.

¹³ ANKERSMIT, Frank R. La verdad en la literatura y en la historia. In: OLÁBARRI, I. & CAPISTEGUI, Francisco J. (orgs.). *La nueva historia cultural: La influencia Del postestructuralismo y El auge de La interdisciplinaridad*. Madrid: Editorial Complutense, 1996, p. 49-68.

¹⁴ PESAVENTO, Sandra. História & Literatura: uma *velha-nova* história. In: <http://nuevomundo.revues.org>. Capturado em 20/8/2006.

¹⁵ PEREIRA, Pedro Paulo Gomes. Sertão e Narração: Guimarães Rosa, Glauber Rocha e seus desenredos. In *Sociedade e Estado*, Brasília, v. 23, n. 1, p. 51-87, jan./abr. 2008 [p. 56].

elementos imaginários e identitários marcados pelo protagonismo da natureza na definição da paisagem sertaneja.

Em continuidade a essa construção forjada nas primeiras décadas do século XX, em *Sargento Getúlio*, encontramos o sertão como espaço de mitos, símbolos, memórias e citações, que, fixada no imaginário nacional, não se restringe a “reproduzir ou caracterizar objetivamente uma unidade geográfica”, mas “a constrói simbolicamente, sempre no sentido de produzir uma narrativa da formação histórica do país, da fundação da nação ou da construção da identidade nacional”.¹⁶

A variedade discursiva sobre o sertão tem como elemento comum sua transitoriedade, em que é representado como um lugar “que, simultaneamente, se afirma e se nega, é tempo sobretudo de outros tempos, é reino do fantástico e do mítico”.¹⁷

Euclides da Cunha colaborou nessa construção imagética, ao colocar o sertão baiano, ao mesmo tempo, como fantástico ou maravilhoso, mas também um misto de terror e êxtase, frente ao desconhecido. Assim, o sertão era apresentado como

*(...) tudo aquilo que está fora da escrita, da história e do espaço da civilização: terra de ninguém, lugar da inversão de valores, da barbárie e da incultura. São territórios misteriosos, fora da história e da geografia, que não foram mapeados de forma sistemática.*¹⁸

Esse lugar autêntico e indômito refletiu na produção positiva do imaginário social com implicações pragmáticas de sua exploração lucrativa da natureza e das populações. Entretanto, a ideia de sertão só se completa com a imagem do litoral, imaginado como a emanção da civilização e da cultura, enquanto o primeiro era sinônimo do atraso e da barbárie.¹⁹

Essas tensões entre as representações do sertão e litoral são perceptíveis na narrativa romanesca, quando o protagonista sente-se deslocado,

¹⁶ MARC, René. O não-branco, o sertão e o pensamento social brasileiro. In *Prismas: Dir., Pol.Pub. e Mundial*, Brasília, v.3, n, 2, p 427-454, jul./dez.2006 [p. 435].

¹⁷ CRISTÓVÃO, Fernando. A transfiguração da realidade sertaneja e a sua passagem a mito (A Divina Comédia do Sertão). In *Revista USP (Dossiê Canudos)*. N. 20, dezembro/janeiro/fevereiro 1993-1994, p. 43.

¹⁸ VENTURA, Roberto. Visões do deserto: selva e sertão em Euclides da Cunha. In *História, Ciências, Saúde: Manguinhos*. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, volume V (Suplemento), julho de 1998, p. 133-147 [p. 135].

¹⁹ SUÁREZ, Mireya. Apresentação. In VIDAL E SOUZA, Candice. *A pátria geográfica: sertão e litoral no pensamento social brasileiro*. Goiânia: Editora da UFG, 1997, p. 13-15.

“estrangeiro na própria terra”, na capital sergipana, Aracaju, não compreendendo e nem sendo compreendido no seu falar e modo de ser e agir:

Eu nunca me dei bem em Aracaju. Quando estava assim sem nada, tomava o bonde circular e ficava dando voltas até cansar (...). Mas logo que podia ia embora para dentro de Sergipe e lá ficava, que prefiro muitíssimo. (...) Quando eu falo ninguém entende lá [Aracaju], quando um fala lá eu não entendo.²⁰

A composição da geografia imaginária do sertão de Sergipe é nomeada com precisão, transfigurando símbolos do mundo histórico e social da região em ficção. As memórias familiares de sua infância em Sergipe, quando o pai foi chefe de Polícia, ajudaram a construir, com rigor, essa linguagem da fala do sergipano comum, aproximando-o de João Guimarães Rosa, ainda que João Ubaldo Ribeiro negue a influência por não tê-lo lido quando escreveu *Sargento Getúlio*.²¹

Esse amplo conhecimento do escritor no uso das palavras necessárias para que a imaginação flua faz com que o estalo da invenção se dê na confluência da memória, imaginação e experiência, sendo, no caso desse romance, a palavra o elemento condutor da expressividade, donde se iluminam a imaginação e a memória.²²

Podemos associar o romance à tradição memorialista na literatura brasileira, na medida em que o personagem central, apesar de no seu fluxo de consciência estar imerso num presente contínuo, acaba por ser um “memorialista” de si e da história de Sergipe, numa fusão entre memórias individual e coletiva.²³ Por consequência, como uma “*chave da consciência*”, Mnemosine torna-se recurso essencial para se pensar a identidade no romance, pois a re-criação da memória foi feita no complexo jogo de relações de classe, gênero e de poder que determinam o que é lembrado (ou esquecido), por quem e para que fim.²⁴

Durante a viagem de Paulo Afonso à Barra dos Coqueiros, descortinam-se imagens geográficas e identitárias do sertão sergipano, provocando no

²⁰ RIBEIRO, *Sargento Getúlio*, op. cit., p. 169-170.

²¹ RIBEIRO, João Ubaldo. Eu sou a vergonha da família. In GUERRA, Guido. *A noite dos coronéis (entrevistas)*. V. 1. Salvador: Assembleia Legislativa da Bahia/Academia de Letras da Bahia, 2005, p. 142.

²² DÍEZ, op. cit., p. 23-28.

²³ FISCHER, Luiz Augusto. Para uma descrição da literatura brasileira no século XX. In VÉSCIO, Luiz E. & SANTOS, Pedro Brum (orgs.). *Literatura & História: Perspectivas e Convergências*. Bauru/SP: EDUSC, 1999, p. 133.

²⁴ GILLS, John R. – Introduction: Memory and Identity: the history of a relationship. In ____ (dir.). *Commemorations: the politics of national identity*. Princeton/New Jersey: Princeton University Press, 1996, p. 3.

leitor a imaginação de outros sertões que aparecem como metonímia dos encontros e desencontros dos vários Brasis. Para Roberto Mulinacci,

*a paisagem sertaneja parece funcionar à maneira de uma heterotopia foucaultiana, um contra-lugar refletindo em si outros lugares e outros tempos, sendo antes – como toda heterotopia – uma contestação e uma subversão dos loca (e dos loci) da cultura brasileira, a ponto de transformar os estigmas literalmente demoníacos do atraso num valor fundador para os projetos de desenvolvimento nacional.*²⁵

A imagem do sertão-inferno construída na narrativa euclidiana da vegetação espinhenta e inóspita foi recriada no romance como um “sertão do brabo”:

*favelas e cansações, tudo ardiloso, quipás por baixo, um inferno. Plantas e mulheres reimosas, possibilitando chagas, bichos de muita aleiva, potós, lacraias, piolhos de cobra. (...) Só se vê cabeça de frade, macambira, catingueira e urubu.*²⁶

Essa imagem infernal se complementa com o “sol de fogo” que destempera a natureza abrasada, em que “todos os caldeirões se acham secos e as arribações escavocam a lama no caminho do rio”.²⁷

Como na narrativa euclidiana, o narrador retrata a transfiguração da natureza, afirmando que “Sergipe é o lugar mais verde que tem, quando está verde, porque às vezes esturrica e amarronza e entristece”. Mas essa imagem de um “verdume da fartura” da terra, com árvores perfumadas, misturando odores e uma explosão de cores, reveladora de todo o esplendor paradisíaco, se dá quando chega Getúlio em Japarutuba ao encontro de Luzinete.²⁸

A inspiração euclidiana se estende à representação feminina no romance, com a demonização da mulher, especialmente pelas características traiçoeiras de sua personalidade.²⁹ A traição da esposa grávida não pode ser tratada senão com o assassinato por parte do protagonista, pois a masculinidade não pode ser questionada pelo “povo” e a “dor de corno” é “uma dor funda na caixa, uma coisa tirando a força de dentro”.³⁰

²⁵ MULINACCI, Roberto. Um deserto cheio de lugares: topografias literárias do sertão. In RAVETTI, Graciela; CURY, Maria Zilda e ÁVILA, Myriam (orgs.). *Topografias da cultura: Representação, espaço e memória*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009, p. 29.

²⁶ RIBEIRO, *Sargento Getúlio*, op. cit., p. 9-10.

²⁷ *Ibidem*, p.10.

²⁸ *Ibidem*, p. 119.

²⁹ CALASANS, José. As Mulheres em Os Sertões. In *Cartografia de Canudos*. Salvador: Secretaria de Cultura e Turismo do Estado da Bahia/Conselho Estadual de Cultura/EGBA, 1997.

³⁰ RIBEIRO, *Sargento Getúlio*, op. cit., p.41.

A descrição de mulher dama também traz a ideia da demonização na narrativa – “Quando o diabo não vem manda o secretário” –, delimitando a diferença entre a dona do bordel que falava “carioca”, como “coisa que prestasse”, e a mulher decente, recatada e honesta. “Já se viu mulher dama ter querer, onde já se viu”.³¹

A menina solteira, de cerca de treze a quatorze anos, filha de Nestor Franco, foi apresentada como sedutora que, ao ser apanhada com as mãos nas “partes” do preso, faz explodir a brutalidade masculina do pai, que a açoita com o “manguá de amansar burro” para não virar “rapariga” ou mulher dama.³²

Imagens animais que associam mulheres a vacas são apresentadas com relação à Osonira Velha, esposa de Nestor Franco, “aquela vaca velha surda”, e a sua amante Luzinete, quando afirma “olhai essa vaca, não é que essa vaca é minha, e acho ótimo. Quando eu olho o seu embigo, minha filha, me dá uma tesão”.³³

Não há ternura nos gestos ou palavras do narrador com relação às mulheres, numa vida sem afeição ou amor feminino. Como ele próprio disse certa ocasião: “Também não sei muito de mulher”. Essa pobreza amorosa trazia consigo o machismo como identidade de gênero: “Diabo de mulher tem querer não, mesmo, pronto”.³⁴

Na narrativa romanesca percebe-se uma associação entre “masculinidade, nordestinidade e violência, agressividade e competição”, em que o modelo masculino se afirma à medida que “é capaz de demonstrar força física e vencer disputas com outros homens”. Durval Muniz de Albuquerque Jr. identificou no discurso da literatura de cordel a centralidade do masculino, ainda que a desconfiança dos folhetos com relação ao feminino exponha também a astúcia feminina, que poderia significar a ruptura com as regras, como ficou claro nas imagens femininas produzidas no romance. De todo modo, era a violência presente nas relações de gênero o “elemento definidor dos papéis e identidades de gênero no Nordeste”.³⁵

Mas esse homem seco e triste trazia a presença da mulher narcisicamente em si mesmo, após assassinar sua esposa infiel, ao afirmar que a “esposa do homem é ele mesmo, tirante as de quando em vez, uma coisa ou outra,

³¹ *Ibidem*, p. 19.

³² *Ibidem*, p. 60.

³³ *Ibidem*, p. 48 e 122.

³⁴ *Ibidem*, p. 16 e 60.

³⁵ ALBUQUERQUE JR., op. cit., p. 308 e 300.

somente para aliviar, uma descarga havendo precisão. Minha mulher sou eu e meu filho sou e eu sou eu. É assim”.³⁶

O nordestino tem sido figurado no discurso literário como “violento e afeito aos enfrentamentos pessoais”, “onde valentia, coragem e violência parecem ser associadas ao masculino e sua virilidade”.³⁷ Essa construção simbólica se faz presente na cena em que o tenente Amâncio, udenista perverso, chama o personagem-narrador de “sargento corno e desertor, com um pirobo por chofer”. O oponente do sargento é figurado com “vistinhas miúdas, como de porco. Fala fino, nunca admiti homem de fala fina”.³⁸

O confronto, “fogo brabo” em que voava “aquele folharamé numa fuzilaria”, entre o sargento e o tenente se faz no duelo de punhais, no ferro frio como se diz nos sertões sergipanos. A diferença entre o punhal que mais parecia uma baioneta do tenente com a faca curta do sargento é resolvida com uma pedra que afunda o rosto do tenente, “como quem parte uma melancia”. Numa possível alusão à degola de conselheiristas e cangaceiros, “com aquele mesmo punhal que ele estava na cintura e depois na esgrima e me chamando de corno, cortei o pescoço”. E vociferando: “corno é a mãe”.³⁹

Como no imaginário popular do sertão, sintetizam-se misticismo, coronelismo, cangaceirismo,⁴⁰ a fala do fazendeiro Nestor Franco com o representante do governo estadual, tenente Amâncio, afirmando que “esta porteira é a porteira do caminho da minha fazenda, que dar na minha casa, a minha casa só entra quem eu convido, e ninguém convidou o senhor”,⁴¹ não deixa dúvida da proeminência do poder privado sobre o poder público nas relações sociais sertanejas. Para o fazendeiro, não se podia entrar “apusso” nas suas terras.

A rede de proteção em torno de Getúlio se estendia, além deste fazendeiro, ao Padre de Aço da Cara Vermelha, que o acolheu na igreja de Japoatã, junto com Amaro e o preso. Em uma de suas conversas com o sargento, o padre expõe as relações de dependência tradicionais nas terras sergipanas e as mudanças oriundas do processo de modernização, tendo a opinião pública dos jornais da capital relevância na condução da política local:

³⁶ RIBEIRO, *Sargento Getúlio*, op. cit., p. 42.

³⁷ ALBUQUERQUE JR., op. cit., p. 292.

³⁸ RIBEIRO, *Sargento Getúlio*, op. cit., p. 78-81.

³⁹ *Ibidem*, p. 82, 83 e 84.

⁴⁰ MENEZES, Eduardo D. B. de. O Imaginário Popular do Sertão: Rumos para uma pesquisa em antropologia histórica. In *Revista de Ciências Sociais*. Fortaleza, v. XXIII/XXIV, números ½, 149-212, 1992-1993.

⁴¹ RIBEIRO, *Sargento Getúlio*, op. cit., p. 80.

*Essa terra, diz ele depois de muito tempo, já foi uma boa terra, porque havia mais homens e quem era homem não tinha de que temer. Hoje essa não vale mais nada, não vale quase mais nada, está uma frouxidão e um homem não sabe de quem depende e querem mudar tudo e nunca vai adiantar.*⁴²

Antes o sargento possuía as “costas quentes” em Aracaju, com a proteção do Chefe, agora estava às próprias custas na sua missão de levar o preso. Mesmo com a dúvida shakespeariana (“levo ou não levo”), o protagonista reafirma que é “preciso entregar o bicho. Entrego e digo: ordem cumprida. Depois o resto se aguenta-se como for, mas a entrega já foi feita, não sou homem de parar no meio”.⁴³

Na narrativa as alusões à “fraqueza do governo” e à degola remetem à Guerra de Canudos e a figura histórica e mitológica de Lampião, rasuras históricas na identidade nordestina e brasileira. Esses “personagens colossais, poderosos símbolos” de narrativas míticas e históricas marcaram a literatura brasileira, “marcando com eles forte, funda e definitivamente, o imaginário brasileiro”.⁴⁴

Como seu lugar de fala é o Nordeste, esses personagens não podiam ficar de fora da escrita romanesca. Por meio do padre de Japoatã, a Guerra de Canudos emerge com trechos de quadrinhas que a eternizaram na memória popular nordestina:

*Capitão Moreira César
Dezoito guerras venceu
A terceira não interou
No Belo Monte morreu.*

Na narrativa, o padre cantou ainda outras quadrinhas:

*Os urubu de Canudo
Escreveu ao Presidente
Que já tão de bico fino
De comer carne de gente.*

*Os urubu de Canudo
Escreveu pra Capital
Que já tão de bico fino
De comer oficial.
[...]*

⁴² Ibidem, p. 92.

⁴³ Ibidem, p. 92-93.

⁴⁴ AMADO, Janáina. Região, Sertão, Nação. In *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 8, n. 15, 1995, p. 146.

*A fraqueza do Governo
Passou por Cocorobó
Depois que passou por lá
O Governo ficou só.*⁴⁵

Essas quadrinhas, recolhidas na tradição oral, foram registradas por José Calasans, em Sergipe, quando inventariou a poética anônima do cancionário histórico de Canudos. Ao perscrutar a rica cultura popular existente em Sergipe e Bahia, o historiador estabeleceu uma renovação dos estudos sobre a Guerra de Canudos, evidenciando que os “vencidos” também têm um lugar na História, mas, principalmente, que o folclore pode colaborar para a reconstituição do passado.⁴⁶

Essa busca da memória popular era compartilhada pelo romancista baiano, preocupado com a reconstrução da identidade nacional. Essa abordagem é pertinente por desmascarar que as culturas e identidades nacionais não são, de fato, *unificadas*, pois “são entrecruzadas por divisões e diferenças internas profundas, e ‘unificadas’ apenas através do exercício de formas diferentes de poder cultural”.⁴⁷

O registro da ambiguidade do mito do cangaço, num movimento pendular entre fato histórico e projeções coletivas, também se insere nesse contexto mais amplo. A diabolização e a idealização de Lampião moldaram essa memória, fornecendo um instigante campo de pesquisa da compreensão do funcionamento dos imaginários sociais e seus mecanismos de apropriação de acontecimentos históricos. Aqui o cangaceiro pode ser representado como um símbolo contraditório associado a múltiplas representações que vão do bandido sanguinário ao bandido social, do justiceiro ao mau-caráter sem escrúpulos, tornando-se, portanto, aberto a várias ressonâncias.⁴⁸

Nesse sentido, o narrador estabelece, em várias passagens, um diálogo com a figura mitológica de Lampião, ora simpatizando com ele, ora denunciando suas atrocidades. Personagem intrigado com traições, Lampião

⁴⁵ RIBEIRO, *Sargento Getúlio*, op. cit., p. 97-98.

⁴⁶ CALASANS, José. A Guerra de Canudos na Poesia Popular (Documentário folclórico). In *Cartografia de Canudos*. Salvador: Secretaria de Cultura e Turismo do Estado da Bahia/Conselho Estadual de Cultura/EGBA, 1997, p. 93.

⁴⁷ HALL, Stuart. *A Questão da Identidade Cultural*. Campinas/SP: IFCH/UNICAMP, n° 18, dezembro de 1995 (Textos Didáticos), p. 48.

⁴⁸ SILVA, Patrícia Sampaio. Le symbole et ses diverses résonances: analyse de l'historiographie du Cangaço. In *Revue Histoire et Société de l'Amérique Latine*. Paris, Amérique Latine: Expériences et Problématiques d'Historiens (A.L.E.P.H.)/Université de Paris 7, n° 4, mai 1996.

muitas “vezes ficava arreliado por qualquer coisinha”. Precavido, “andava com uma colher de prata no embornal. Todo de comer enfiava a colher. Se a colher empretecia, tinha veneno (...). Morte certa para o dono da casa. Se não empretecia, dava até presentes, sortia bodegas, fazia felicidades”. Mais na frente, o narrador afirmava: “Ruindade era ali, matava sem ideias. Resultado, cabeça cortada na Bahia, de exposição como chifre de boi brabo. Antes porém brincou de manja com a milícia de todos Estados e deixou marca no mundo desde o tempo de Dão Pedro”.⁴⁹

Ao longo do romance, o sargento repensa sua opinião sobre o cangaço, afirmando que “tinha raiva de cangaceiro, acho que até ontem, tresanatonte, antes do antes, mas agora não tenho mais”. Em suas elucubrações, inclusive, ele próprio “podia ser do cangaço, depois, se tivesse cangaço”. Em outra passagem, se via como Dragão Manjaléu, com chapéu de couro de estrelas prateadas, “o maior cangaceiro do Brasil, o maior piloto de jagunço do Brasil e ia ter a maior tropa. E não me chamasse sargento, me chamasse de capitão. Ou me chamasse de major”.⁵⁰

Aliás, esse procedimento de “virar a casaca” era comum no sertão de aventuras sem ideologias, como foram os casos de Jararaca e de Mormaço, que de ex-soldados se transformaram em cangaceiros. Mas a recíproca também era constante como foi o caso mais famoso de Clementino José Furtado, o Quelé, famoso sargento de volantes da Paraíba e Medalha (Miguel Feitosa Lima), ex-integrante do grupo de Lampião e que depois sentou Praça na Força Pública de Pernambuco.⁵¹

Por fim, tamanha a perseguição que estava sofrendo, o narrador se compara a Lampião, numa associação à figura viril e valente do cangaceiro. A masculinidade e a virilidade como referência identitária são reafirmadas no seguinte trecho: “... em Sergipe todo não tem melhor do que eu (...), estou lhe dizendo que não melhor no mundo, porque essa é uma terra macha e eu sou macho dessa terra”.⁵²

A época narrada no transcórre do romance sugere como marco das reñhidas disputas eleitorais em Sergipe a violência política entre o Partido Social Democrático (PSD), liderado por Francisco Leite Neto, e a União Democrática

⁴⁹ RIBEIRO, *Sargento Getúlio*, op. cit., p. 13-14. Do ponto de vista histórico, Lampião tombou no município de Poço Redondo, não na Bahia como consta no romance.

⁵⁰ *Ibidem*, p. 127 e 135.

⁵¹ MELLO, Frederico Pernambucano de. *Guerreiros do Sol: Violência e banditismo no Nordeste do Brasil*. 2ª. Edição. São Paulo: A Girafa, 2004.

⁵² RIBEIRO, *Sargento Getúlio*, op. cit., p. 94.

Nacional (UDN), sob a chefia de Leandro Maciel, nos anos 1950. Como “pessedista”, o sargento enumera várias violências políticas impostas aos adversários. “Em Buquim, fizemos uma tocaia amuntados uma vez. Pega-se por primeira o derradeiro, como caça. O primeiro fica para a segunda descarga”. Em outra passagem, afirma que “Maioria dos udenistas custam de morrer, se prende no ar como camaleão. Não ser as mulheres, que morre como qualquer, udenista, pessedista, quememista, intregalista ou comunista”.⁵³

Esses registros da memória política sergipana são um esforço do escritor em desvendar as mazelas do autoritarismo no Brasil, enfatizando a repressão aos comunistas, tão forte nos governos de José Rollemberg Leite (1947-1951) e de Arnaldo Rollemberg Garcez (1951-1955). As memórias de Getúlio desses tempos não deixam dúvidas sobre estes “democratas autoritários” no pós-guerra em Sergipe, com suas arbitrariedades políticas:

*Era só questão de dar umas porretadas de ensinamento, não era como fomos quebrar o jornal comunista. Essa quebra ninguém mandou, mas o jornal aporrinhava o Chefe, de sorte que um dia foi queimado e faltou água para os bombeiros. Não sobrou nada e tinha um comunista chorando na porta. Cabra frouxíssimo. Sem dúvidas baiano. Magro, sem sustança. (...) Foi o fim dos udenistas comunistas. Ô gente mofina só é comunista, embora estime a perturbação. Na hora do arrocha, se vão-se todos para cachaprego. Levei diversos. Luiz Carlos Preste. Luiz Carlos Preste. Faziam mítingue na praça Pinheiro Machado, gritando isso e uma vez perturbaram toda a rua da Frente, não deixaram ninguém passar. Não teve quequê nem gagá (...). Eles lá muito monarcas no distúrbio e nós destaboquemos pela Praça Fausto Cardoso e casquemos a lenha. Cambada de cachorros, não acha vosmecê?.*⁵⁴

Outro momento histórico importante em Sergipe está registrado no romance: o assassinato de Josué Modesto dos Passos, líder político udenista em Ribeirópolis, vencedor nas eleições de 1954. A vitória de Leandro Maciel no governo estadual nestas eleições desencadeou intensa perseguição aos “Cearás”, ligados ao PSD, que haviam controlado a cidade entre os anos 1951 e 1955. A administração de Leandro Maciel fazia uso abusivo da força policial para perseguir adversários, com prisões, espancamento e mortes diante da justiça, no mais das vezes, conivente com as arbitrariedades. O espancamento brutal de um dos membros da família Ceará resultou no assassinato de Josué Modestos dos Passos em sua casa, quando ainda não havia completado cinco meses de mandato à frente da prefeitura. A ação arbitrária da polícia contra os correligionários pessedistas fez com que os suspeitos evadissem para a

⁵³ Ibidem, p. 26 e 16.

⁵⁴ Ibidem, p. 20.

cidade baiana de Serra Negra. Posteriormente, apesar das objeções udenistas, foi empossado, sob clima de forte tensão, o deputado Baltazar José dos Santos, ligado ao PSD e processado como co-autor do crime de Ribeirópolis, na vaga do deputado Martinho Guimarães.⁵⁵

A memória desse acontecimento histórico político no romance fez-se com alusões indiretas ao preso conduzido pelo sargento de Paulo Afonso, Bahia, à Barra dos Coqueiros, em Sergipe. Em nenhum momento do romance o nome do preso é citado, despersonalizando-o. Como udenista, ele é tratado “como bicho, não faz diferença”. O sargento impõe intimidatórias torturas psicológicas ao prisioneiro, pondo em dúvida sua coragem e masculinidade:

Garanto que, na hora de apertar o gatilho para matar uma família toda, nem pensou. Valente que fazia gosto, todo desfricotado, todo muito macho, todinho um cabra de Lampião, ah cafetino desterrado, pistoleiro de meia pataca. Agora me diga. Se mijar nas calças, corto o vergalho fora e pico cimento em cima, estou avisando. Sua sorte é que vão querer julgamento, tem jornalista a seu favor, está um sistema.⁵⁶

Nesse trecho, diferencia-se a política na capital da do interior, porque “cidade grande tem testemunha por demasiado. A política não é bom em Aracaju. Política de macho é aqui”. Logo a seguir afirma que “a gente fazia com eles [udenistas] o que eles fizeram em Ribeirópolis, aliás sei que vosmecê tem parte nisso, quando eles até fogo em bezerro vivo tocaram e espalharam sal na terra”. “Sal”, afirma o sargento, “porque foi isso que ele botou na terra dos Paraíbas, em Ribeirópolis. Bezerro, por que foi isso que ele matou, um por um”.⁵⁷

Desse modo, a política de violência de ambas as facções partidárias demonstra o autoritarismo vigente em Sergipe, inclusive com vários registros de torturas e mortes de presos, talvez aludindo ao momento histórico em que o romance foi escrito (1971).

Como na obra de João Guimarães Rosa, viver é perigoso, e a existência do Sargento Getúlio foi construída na travessia da vida, em que o existir e o viajar se confundem. Benedito Nunes lembra-nos que além “de viajante, o homem é a viagem” na obra rosiana, isto é, “objeto e sujeito da travessia, em cujo processo o mundo se faz”.⁵⁸

⁵⁵ DANTAS, Ibarê. *Partidos Políticos em Sergipe* (1889-1964). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989, p. 230.

⁵⁶ RIBEIRO, *Sargento Getúlio*, op. cit., p. 30.

⁵⁷ *Ibidem*, p.17, 22 e 54.

⁵⁸ PINHEIRO, Victor Sales (org.). *Benedito Nunes: A rosa o que é de rosa: literatura e filosofia em Guimarães Rosa*. São Paulo: Difel, 2013, p. 85.

Para Getúlio Santos Bezerra que mora no mundo, a viagem é a própria busca pela identidade, que, pela própria condição de movimento, deve ser tomada como um processo sempre inconcluso. Desse modo, a ideia de *travessia*, de constante deslocamento, estabelece uma formação descontínua e mutante de si e do mundo.⁵⁹

Como em Guimarães Rosa, a viagem pode coincidir, às vezes, com a solução de um conflito moral e espiritual e, no caso do romance analisado, que trata de uma história de *aretê* (virtude), a personagem mostra a fortaleza moral no cumprimento do dever, ainda que, ao longo da travessia pelas brenhas do sertão, se veja tensionado entre o apelo pelo enraizamento e a tentação da errância, entre levar ou não o preso até Aracaju. A disposição moral de manter-se a palavra empenhada contra os obstáculos interpostos ao longo da viagem faz com que a personagem adquira uma dimensão complexa e fascinante para o leitor, como “uma tragédia grega transposta para o sertão nordestino”.⁶⁰

Malcolm Silverman afirma que “Getúlio Santos Bezerra é decididamente o protótipo do anti-herói nordestino”, associando-lhe a outros personagens fictícios, como Teobaldo, de Guimarães Rosa, ou históricos, como Lampião, “com quem Getúlio frequentemente se identifica”.⁶¹ Para José Hildebrando Dacanal, “Eis o móvel da tragédia, eis a *hybris* que condena o herói. Getúlio pertence a outro tempo, a outro mundo”.⁶²

Por ser produto de uma *hybris*, de uma desmedida da ordem das coisas, com a falta de controle das emoções, o personagem-narrador se enreda na sua própria desgraça, quando degola o tenente Amâncio, representante do Estado, dentro da fazenda Boa Esperança, de Nestor Franco.⁶³

Como anti-herói, o personagem-narrador vivencia os impasses das mudanças sociais no nordeste dos anos 1950, sozinho, e, de forma contraditória, na busca de seus próprios valores. Àquela viagem acidentada transforma-o num deslocado para o modelo de sociedade rural, representando a crise da sociabilidade tradicional, “assentada em relações personalizadas e paternalistas e sua lenta substituição por códigos sociais apoiados no

⁵⁹ BERND, op. cit., p. 10 e 49.

⁶⁰ SCLIAR, Moacyr. Contracapa. RIBEIRO, João Ubaldo. *Sargento Getúlio*. Rio de Janeiro: o Globo; São Paulo: Folha de São Paulo, 2003.

⁶¹ SILVERMAN, Malcolm. *Moderna Ficção Brasileira 2*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1981, p. 97.

⁶² DACANAL, José H. In: SILVERMAN, op. cit., p. 106.

⁶³ RIBEIRO, *Sargento Getúlio*, op. cit., p. 80.

individualismo, na despersonalização das relações e nas quebras das solidariedades paternalistas”.⁶⁴ É no fracasso de sua empreitada que o personagem-narrador percebe essa ruptura com os laços de dependência, quando um enviado do chefe afirma que “não tem mais condição de cobertura”, pois “a coisa mudou”.⁶⁵

O mundo mudou, mas ele mantém-se aferrado à moral da sociedade rural em transformação:

*Eu não sou é nada. Gosto de comer, dormir e fazer as coisas. O que eu não entendo eu não gosto, me canso. (...) Não gosto que o mundo mude, me dá uma agonia, fico sem saber o que fazer.*⁶⁶

O imaginário do romance trata das transformações presentes em meados do século XX de algumas relações de dominação no meio rural nordestino, relacionadas à ruptura do pacto paternalista e dos laços de dependência entre o senhor de terras, que não mais cedia o sítio para o trabalhador produzir sua lavoura de subsistência, restando-lhe como opção a migração para os grandes centros urbanos.⁶⁷

Entretanto, no âmbito do deslocamento do eixo econômico do campo para a cidade, Getúlio não vê como opção a migração para cidade grande, pois percebia a manutenção da condição de subalternidade ou marginalidade: “não quero viver me escondendo pelai ou ir ser chofer em São Paulo, nem sei aonde é isso”.⁶⁸ Assim, preso a outro mundo, o personagem prefere a morte à desonra da quebra da palavra empenhada.

A crise de identidade do personagem-narrador se dá ao longo da viagem: “... aquele homem que o senhor mandou não é mais aquele. Eu era ele, agora eu sou eu”. O imaginário romanesco transforma essa crise em ato de resistência e dignidade: “Agora sei quem sou”.⁶⁹

Sua incompatibilidade com a nova realidade presente no final do romance aproxima o escritor de outras obras dos anos 1970, como *Essa Terra*, de Antônio Torres (1976), e *A crônica do valente Parintins*, de Ewelson Soares Pinto (1976), reveladoras do contexto pós-moderno na literatura brasileira

⁶⁴ ALBUQUERQUE JR., op. cit., p.291.

⁶⁵ RIBEIRO, *Sargento Getúlio*, op. cit., p. 106.

⁶⁶ *Ibidem*, p. 103-104.

⁶⁷ MONTENEGRO, Antônio Torres. Ligas Camponesas e sindicatos rurais em tempo de revolução. In FERREIRA, Jorge & DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *O Brasil Republicano: O Tempo da experiência democrática*. V. 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 246.

⁶⁸ RIBEIRO, *Sargento Getúlio*, op.cit., p. 110.

⁶⁹ *Ibidem*, p. 169 e 170.

em que as contradições sociais e individuais no mundo rural são retratadas a partir das “descontinuidades e complementaridades do rural-urbano”.⁷⁰

Como as representações literárias incorporam novos padrões de sociabilidade e sensibilidade produzidos pelas mudanças sociais e de poder nas relações de gênero,⁷¹ a produção romanesca posterior trata, sutilmente, do processo de obsolescência da figura do macho nordestino tal como construído em *Sargento Getúlio*, como podemos observar em *Os Desvalidos* (1993), de Francisco J. C. Dantas. Essa aproximação se mostra pertinente tanto pela preocupação estilística em estabelecer um vocabulário particular dos rincões de Sergipe e Bahia, quanto à construção do personagem narrador Coriolano, desvalido por não ter um “grandola mandão” que o proteja. Em ambos os romances denuncia-se a falta de acesso à cidadania dos sertanejos subalternizados e em conflitos existenciais. Mas se *Getúlio* mostra-se valente e destemido como Lampião, Coriolano foge do destino desvalido porque “pobre não vive sem patrão” e que “ou se apanha de Lampião ou dos mata-cachorros”.⁷²

Em *Sargento Getúlio*, encontramos uma combinação nova entre o dado realista, local e de época e o plano simbólico de caráter universal do sertão e do sertanejo, recriando um anti-herói trágico para dar conta das transformações existentes no nordeste brasileiro entre a tradição e a modernização. Mesmo negando uma aproximação com a narrativa rosiana, João Ubaldo Ribeiro soube aproveitar a ruptura, por ela proporcionada, de uma poética uniformizadora do sertão, encontrando uma solução apropriada para os novos tempos que se avizinhavam. Eram indícios de outras possibilidades de representação do sertão no romance brasileiro dos anos 1970, em que se deslocava a tradição do romance social para um acento mais existencialista da crise de identidade do personagem-narrador, mas que a força do passado autoritário ainda o mantinha, no caso do romance analisado, refém na ausência de cidadania.

Artigo recebido para publicação em 01/08/2017

Artigo aprovado para publicação em 06/11/2017

⁷⁰ SANTOS, Francisco Venceslau dos. *Autoritarismo e solidão: o roteiro da conciliação*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990, p. 78.

⁷¹ ALBUQUERQUE JR., op. cit., p. 310.

⁷² DANTAS, Francisco J. C. *Os Desvalidos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 126 e 135.